

REPRESENTAÇÕES SOCIAIS DE ALUNOS DO ENSINO FUNDAMENTAL SOBRE AS PRÁTICAS CORPORAIS DE AVENTURA COMO CONTEÚDO NAS AULAS DE EDUCAÇÃO FÍSICA

SOCIAL REPRESENTATIONS OF ELEMENTARY SCHOOL STUDENTS ABOUT BODY
ADVENTURE PRACTICES AS CONTENT IN PHYSICAL EDUCATION CLASSES

REPRESENTACIONES SOCIALES DE ESTUDIANTES DE PRIMARIA SOBRE LAS PRÁCTICAS
DE AVENTURA CORPORAL COMO CONTENIDO EN LAS CLASES DE EDUCACIÓN FÍSICA

Felipe da Silva Triani ¹
Renato Cavalcanti Novaes ²
Carlos Alberto de Oliveira Magalhães Júnior ³
Jairo Antônio da Paixão ⁴
Silvio de Cassio Costa Telles ⁵

Manuscrito recebido em: 26 de janeiro de 2023.

Aprovado em: 06 de maio de 2023.

Publicado em: 06 de julho de 2023.

Resumo

O presente artigo apresenta os resultados de uma pesquisa descritiva exploratória, cujo objetivo foi identificar e analisar o impacto das aulas de Educação Física sobre as representações sociais, por meio do teste de associação livre de palavras aplicados a estudantes do 4º ano do ensino fundamental acerca das práticas corporais de aventura. Foram consideradas 11 aulas, cujo tema foi práticas corporais de aventura. O teste de associação livre de palavras foi aplicado antes da primeira aula e após a última. Foi possível inferir que as representações sociais sobre as práticas corporais de aventura antes das intervenções estavam associadas aos esportes tradicionais, já no teste após as intervenções revelaram-se associações com o montanhismo e escalada. Concluiu-se que as modificações na estrutura das representações sociais apontam indícios de alterações sobre o significado atribuído às práticas corporais de aventura que parece ter sido ressignificado pelo impacto das aulas.

¹ Doutor em Ciências do Exercício e do Esporte pela Universidade do Estado do Rio de Janeiro. Docente no Programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade Estácio de Sá.

ORCID: <https://orcid.org/0000-0001-6470-8823> Contato: felipetriani@gmail.com

² Doutor em Ciências do Exercício do Esporte pela Universidade do Estado do Rio de Janeiro. Professor no Comando da Marinha.

ORCID: <https://orcid.org/0000-0003-3804-2313> Contato: rennovaes@hotmail.com

³ Doutor em Ciências pela Universidade Estadual de Maringá. Docente Programa de Pós-Graduação em Educação para a Ciência e a Matemática da Universidade Estadual de Maringá.

ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-1116-0777> Contato: juniormagalhaes@hotmail.com

⁴ Doutor em Ciências do Desporto pela Universidade de Trás-os-Montes e Alto Douro. Docente do Programa de Pós Graduação em Educação da Universidade Federal de Viçosa.

ORCID: <https://orcid.org/0000-0003-1413-9081> Contato: jairopaixao2004@yahoo.com.br

⁵ Doutor em Educação Física pela Universidade Gama Filho. Docente no Programa de Pós-Graduação em Educação Física e no Programa de Pós-Graduação em Ciências do Exercício e do Esporte da Universidade Federal do Rio de Janeiro.

ORCID: <https://orcid.org/0000-0003-2652-6118> Contato: silviotelles@terra.com.br

Palavras-chave: Práticas corporais de aventura; Escola; Representações sociais.

Abstract

This article presents the results of an exploratory descriptive research, whose objective was to identify and analyze the impact of Physical Education classes on social representations, through the free word association test applied to students of the 4th year of elementary school about the adventure body practices. Eleven classes were considered, whose theme was body practices of adventure. The free word association test was applied before the first class and after the last one. It was possible to infer that the social representations of adventure body practices before the interventions were associated with traditional sports, while in the test after the interventions, associations with mountaineering and climbing were revealed. It was concluded that changes in the structure of social representations point to signs of alterations in the meaning attributed to adventure body practices that seem to have been re-signified by the impact of classes.

Keywords: Body practices of adventure; School; Social representations.

Resumen

Este artículo presenta los resultados de una investigación descriptiva exploratoria, cuyo objetivo fue identificar y analizar el impacto de las clases de Educación Física en las representaciones sociales, a través de la prueba de asociación de palabras libres aplicada a estudiantes del 4º año de la enseñanza fundamental sobre las prácticas corporales de aventura. Se consideraron once clases, cuya temática fue prácticas corporales de aventura. La prueba de asociación libre de palabras se aplicó antes de la primera clase y después de la última. Fue posible inferir que las representaciones sociales de las prácticas corporales de aventura antes de las intervenciones se asociaron con los deportes tradicionales, mientras que en el test posterior a las intervenciones se revelaron asociaciones con el andinismo y la escalada. Se concluyó que los cambios en la estructura de las representaciones sociales apuntan a signos de alteraciones en el significado atribuido a las prácticas corporales de aventura que parecen haber sido resignificados por el impacto de las clases.

Palabras clave: Prácticas corporales de aventura; Escuela; Representaciones sociales.

Introdução

Esportes californianos, esportes radicais de ação, esportes radicais de aventura, esportes radicais, turismo de aventura, esporte de aventura, turismo esportivo, esportes na natureza, atividade física na natureza, atividade de aventura, práticas corporais de aventura e outras terminologias são empregadas para se referir as práticas corporais estabelecidas na relação do homem com a natureza (TRIANI; TELLES, 2019).

Dentre um universo de conceitos possíveis, optou-se pelo proposto na Base Nacional Comum Curricular - BNCC (BRASIL, 2017), pois trata-se de um documento de caráter normativo de referência para a Educação Básica, lócus do presente estudo. Nesse sentido, as práticas corporais de aventura são apresentadas no documento como aquelas que proporcionam diferentes formas de expressão e experimentação corporal centradas

nas proezas provocadas pelas situações de imprevisibilidade do ambiente. Essas práticas se caracterizam pela exploração das incertezas que o ambiente cria ao proporcionar geração de vertigem e risco controlado. Segundo o texto da BNCC, as práticas corporais de aventura diferenciam-se de acordo com o seu ambiente de prática, sendo assim, podem ser consideradas na natureza ou urbanas (BRASIL, 2017).

Em uma revisão conduzida por Tahara e Darido (2016), foi realizada reflexões sobre as práticas corporais de aventura e a Educação Física escolar. Na pesquisa foram eleitos três pontos a serem discutidos, sendo o primeiro a questão terminológica dessa prática, o segundo os objetivos e dificuldades da inserção dessa prática na escola e, o terceiro, o que é ensinado nas aulas tendo as práticas corporais de aventura como conteúdo. O estudo concluiu que as práticas corporais de aventura compreendem uma série de possibilidades, sendo aéreas, aquáticas, terrestres, na natureza ou em meio urbano, e ainda que há várias maneiras de adaptar o conteúdo para possibilitar essa prática na escola. Portanto, a revisão concluiu que a importância desse conteúdo está na possibilidade de oportunizar a experiência da prática corporal de aventura às crianças e jovens enquanto uma possibilidade pedagógica emergente da área de Educação Física.

Outra revisão recentemente publicada (PAIXÃO, 2017) buscou identificar as possibilidades de trabalho das diferentes modalidades dos esportes de aventura para inserção como conteúdo da Educação Física escolar. Sob a ótica das dimensões conceitual, procedimental e atitudinal dos conteúdos, foram encontradas as modalidades de orientação, trekking, canoagem e acampamento como possibilidades de conteúdo. Além desses, um conteúdo bastante referenciado é o de montanhismo (PEREIRA, 2013; TRIANI, MARTINS; ALVES, 2016).

Nesse contexto, na ambiência acadêmica, as discussões sobre os esportes de aventura têm proporcionado reflexões para sua inserção como conteúdo na Educação Física escolar. Não obstante, o documento mais recente que serve de orientação pedagógica para o país, a BNCC de maneira inovadora, incorporou as práticas corporais de aventura como unidade temática para a Educação Física (BRASIL, 2017).

Por outro lado, essas mesmas discussões que colocam as práticas corporais de aventura em foco, vem mantendo a dimensão preservacional dos ambientes naturais em posição subjacente de relevância. Dito de outra forma, o destaque dado às práticas corporais de aventura, impulsionado pela mídia, concebe os diferentes espaços naturais (terrestre, aquático e aéreo) como meros locais de práticas, limitando-se a servir as necessidades do praticante que procuram, sobretudo, vivenciar momentos de satisfação e prazer, mediados pela aventura e risco controlado. A natureza, rebaixada a segundo plano, é redefinida como um ambiente coincidentemente útil e agradável, atrativo e conveniente para as atividades esportivas. Nesse contexto, o conhecimento e atitudes de respeito e cuidado com o meio ambiente parecem ser irrelevantes (PAIXÃO; COSTA; GABRIEL, 2009).

A sociedade mundial atual vivencia um tempo marcado por ininterruptos avanços técnico-científicos, os quais, ocasionam transformações generalizadas, que em sua maioria balizam a sociedade de consumo. Não obstante, esse frenesi de transformações tem sido entendido como sinônimo da modernidade. E, em meio à essas transformações, percebe-se um intenso processo de degradação do meio natural (PAIXÃO; COSTA; GABRIEL, 2009).

Como reação aos efeitos nefastos da modernidade, mais especificamente aqueles oriundos do modo de vida industrial, o (re)despertar da consciência ecológica se deu na década de 1960, tendo no ambientalismo sua mais forte expressão (PINTO, 2018). As pesquisas científicas empreendidas à época já deixavam claro que a degradação ambiental é incompatível com a própria sobrevivência do ser humano no planeta, tendo como argumentos eventos como a emissão de poluentes na atmosfera, a depreciação da camada de ozônio, o aquecimento global, a escassez de água e, conseqüentemente, os desastres ambientais (GUERRA, 2010).

Essa problemática, que demanda esforços e buscas de caminhos urgentes, no sentido de mitigar os seus efeitos sobre a humanidade, acarreta uma infinidade de implicações negativas para a vida do indivíduo, resultando comumente na dicotomia do binômio homem-natureza. Nessa perspectiva, a abordagem dessa temática no âmbito educacional formal, por meio da educação ambiental poderá contribuir para a formação de conscientização sobre a conservação do meio ambiente. Isso porque o processo de formação educacional possui o potencial para preparar a pessoa para as relações de respeito ao próximo, com a natureza, pois acima de tudo, através da educação se aprende a ser ético, humano e a viver em grupo (SÁ; OLIVEIRA; NOVAES, 2015).

A conscientização ambiental é o principal caminho que se busca no processo pedagógico da educação ambiental para que possam surgir daí mudanças de atitude da pessoa perante a natureza. E é nesse contexto, que as práticas corporais de aventura no meio natural se apresentam como uma prática absolutamente significativa com potencial de contribuir com o rompimento da dicotomia presente no binômio homem-natureza. Sobretudo, essas práticas corporais vivenciadas nos diferentes ambientes naturais caracterizam-se pela interação de seus praticantes nos diferentes segmentos que compõem o meio natural.

Considerando como referencial a Teoria das Representações Sociais proposta por Moscovici (2012), percebe-se que os conhecimentos são adquiridos na comunicação entre os sujeitos sociais. Conhecimentos esses que se manifestam em duas dimensões, a saber: consensual e reificada. A primeira, faz referência aos conhecimentos do saber comum, representações sociais que não correspondem à veracidade científica atribuída pela literatura especializada. A segunda dimensão, faz alusão ao conhecimento científico, que corresponde ao universo de significados compartilhados pelos respectivos especialistas.

Diante desse cenário, Jodelet (2001) sugere que a Psicologia Social, por meio das representações sociais, precisa identificar os conhecimentos socialmente elaborados e compartilhados pelo senso comum e discuti-los em contraponto com o conhecimento científico. Esse processo pode contribuir para mudanças no comportamento das práticas sociais, uma vez que toda prática está associada à uma representação, do mesmo modo que toda representação à uma prática social. Um possível caminho para esse processo de conscientização é apontado por Inácio, Moraes e Silveira (2013), ao assinalar que as experiências com a Educação Ambiental, por meio das Práticas Corporais de Aventura, criam oportunidades reais de mudanças comportamentais.

Nessa perspectiva que tem marcado decisivamente o debate em torno das questões atinentes a educação ambiental, tendo como estratégia a conscientização ambiental entre crianças e adolescentes no decorrer da educação básica, o GPEESc - Grupo de Pesquisa em Escola, Esporte e Cultura da Universidade do Estado do Rio de Janeiro e o Grupo de Pesquisa GEPPEF – Grupo de Estudos e Pesquisas Pedagógicas em Educação Física da Universidade Federal de Viçosa apresentam no presente artigo os dados da

primeira etapa de um projeto integrador que tem como foco as práticas corporais de aventura nas aulas de Educação Física escolar e possibilidades na integração de temáticas pertinentes a esse objeto de investigação. Nessa perspectiva, o objetivo desse estudo foi identificar e analisar o impacto das aulas de Educação Física sobre as representações sociais dos alunos do ensino fundamental acerca das práticas corporais de aventura..

Metodologia

O presente trabalho adotou os procedimentos metodológicos de um estudo descritivo-exploratório (THOMAS; NELSON; SILVERMAN, 2015).

O grupo amostral foi constituído por 43 alunos (21 meninas e 22 meninos) que se encontram regularmente matriculados no 4º ano do ensino fundamental de uma instituição privada, localizada na cidade de Duque de Caxias no Rio de Janeiro. Na seleção desse grupo amostral foi levado em consideração o fato de os participantes se encontrarem naquele momento vivenciando a unidade temática práticas corporais de aventura nas aulas de Educação Física.

Antes de iniciar o ensino do conteúdo foi realizada uma coleta de dados por meio do Teste de Associação Livre de Palavras⁶ (SÁ, 1996). Dessa maneira, o procedimento, em síntese, se deu da seguinte maneira: com os alunos concentrados em sala de aula, foi entregue o questionário do teste e apresentado o termo indutor “práticas corporais de aventura”. No questionário do teste os alunos tinham que escrever as cinco primeiras palavras que lhes vieram à mente sobre o tema “práticas corporais de aventura” e, logo após, as classificaram de acordo com o grau de importância, atribuindo o número um para a mais importante, até cinco para a menos importante, como proposto por Carmo *et al.* (2018).

⁶ É entregue uma folha com um termo indutor (no caso da pesquisa em tela o termo indutor foi “práticas corporais de aventura”) e, a após sua leitura, o participante precisa escrever as cinco primeiras palavras que lhe vem à mente e que são associadas ao termo indutor na percepção do participante. Feito isso, é solicitado que o participante atribua graus de importância para as palavras. Os graus de importância vão de um até cinco, sendo o número um o de maior importância e cinco a menor. Cabe assinalar que há situações em que o participante não consegue escrever cinco palavras a partir do termo indutor, fato que justifica o número total de palavras registradas não ser igual a cinco vezes o número total de participantes, isto é, alguns participantes escrevem duas, três ou quatro palavras.

A análise das palavras foi realizada identificando os elementos centrais e periféricos das representações, como sugerido por Sá (1996). Utilizando das fórmulas⁷ para determinação da Ordem Média de Evocação (OME), média da OME e frequência média das evocações (freq.), publicadas por Magalhães Júnior e Tomanik (2012) e Galvão e Magalhães Júnior (2016), identificamos os elementos centrais e periféricos. A seguir, organizamos as palavras em grupos semânticos com quatro quadrantes: no primeiro quadrante encontram-se os elementos pertencentes ao núcleo central; quarto quadrante localizam-se os elementos periféricos e; nos segundo e terceiro quadrantes estariam os elementos intermediários.

Considerando a tese de que os alunos⁸ se ancoram em representações sociais sobre as práticas corporais de aventura que o rotulam como impossível de ser praticado na escola e vêm como uma prática perigosa, o processo de ensino foi estruturado na intenção de compartilhar conhecimentos e experiências que possibilitassem a inserção e inclusão dos estudantes na cultura das práticas corporais de aventura.

O processo de ensino e aprendizagem da unidade temática denominada práticas corporais de aventura se deu por meio de 11 aulas, com 50 minutos cada uma, sendo estruturadas da seguinte maneira, conforme apresentada no Quadro 1.

Quadro 1. Sequência didática da prática de ensino das Práticas Corporais de Aventura.

Aula	Objeto de conhecimento
1	Introdução às práticas corporais de aventura – em aula teórica foi realizada exposição de algumas práticas corporais de aventura, apresentação de vídeos e conceituada a noção de risco.
2	Skate e parkour – alguns alunos levaram o skate para a escola e todos puderam experimentar a prática e no que tange ao parkour foram realizados saltos, giros, movimentos balísticos, acrobáticos e foi solicitado que os próprios alunos recriassem os movimentos.
3 e 4	Slackline – todos participaram da prática do slackline na intenção de vivenciar o deslocamento de apoio e da incerteza.
5	Montanhismo – a aula foi intitulada como “tipologia dos nós”, na qual os alunos aprenderam a realizar alguns tipos de nó utilizados no alpinismo, indispensável para as seguintes aulas.
6 e 7	Ascensão em corda – os alunos aprenderam equipar-se e experimentaram a ascensão em corda.
8 e 9	Escalada – os alunos experimentaram a escalada indoor em um ambiente construído em projeto desenvolvido pelo professor da instituição, autor principal da presente obra.
10 e 11	Rapel – foi experienciada a técnica do rapel na escada da escola.

Fonte: os autores.

⁷ Somatória (Σ) do número de vezes que a palavra foi evocada (P), numa dada posição de grau de importância, vezes seu grau de importância (G), dividido pela frequência que a palavra foi evocada no total.

⁸ Uma possível hipótese é que alguns professores também se ancoram nessas representações sociais.

É importante assinalar que 11 foi o número de aulas que o professor tinha para tematizar a Unidade Temática Práticas Corporais de Aventura. Dessa maneira, após a realização da sequência didática um novo teste de associação livre de palavras foi aplicado, seguindo o mesmo processo do teste inicial.

No que se refere à Teoria das Representações Sociais, é cabível justificar que a utilização desse referencial metodológico, por meio da abordagem estruturalista (ABRIC, 2000), foi adotada como parâmetro para avaliar se a proposta didático-pedagógica serviu para promover alterações nas representações sociais, que são conhecimentos de senso comum, que os alunos apresentavam antes da intervenção.

Todos os alunos participaram como voluntários e seus responsáveis assinaram o termo de consentimento livre e esclarecido, sendo respeitados os critérios éticos e legais em pesquisas envolvendo seres humanos de acordo com a Lei 466 de 2012. Cabe ressaltar que, durante o desenvolvimento das etapas dessa pesquisa, foram respeitadas as diretrizes regulamentadas pela Resolução nº 466/12 da CONEP, sendo o projeto aprovado pelo Comitê de Ética em Pesquisa com seres humanos da Universidade do Grande Rio, Parecer CEP n 2.072.798 de 09/05/2017.

Resultados e discussão

O registro foi de 225 palavras evocadas, após as mesmas serem agrupadas em grupos semânticos, formando 14 grupos. No entanto, como nenhuma palavra foi descartada, como indicam Magalhaes Júnior e Tomanik (2013) e Gaspi, Duarte e Magalhaes Júnior (2020), o mesmo quantitativo de palavras foi analisado. A média das ordens médias de evocação (OME) foi de 3,08 e a média de frequência (f) foi de 16,07. O Quadro 1 apresenta os quatro quadrantes com os possíveis grupos que compõem as RS desse grupo antes da intervenção pedagógica de 11 aulas.

No primeiro quadrante são perceptíveis os seis grupos semânticos de palavras (Esporte com bola, Sentimento, Saltos Radicais, Escalada, Exploração e Corrida) que, possivelmente, são os elementos que compõem o núcleo central das representações sociais, por terem alta frequência e baixa ordem média de evocação.

Quadro 2: Elementos das representações sociais referentes as práticas corporais de aventura antes da intervenção

Elementos Centrais - 1º quadrante			Elementos Intermediários - 2º quadrante		
Alta F e baixa Ordem Média de Evocações F>16,07 e OME<3,08			Alta F e alta Ordem Média de Evocações F>16,07 e OME>3,08		
Grupo semântico	Freq.	OME	Grupo semântico	Freq.	OME
Esportes com bola	32	2,75	Skate/pranchas	17	3,47
Sentimento	28	3,04			
Saltos Radicais	24	2,83			
Escalada	23	3,00			
Exploração	19	2,74			
Corrida	18	2,94			
Elementos Intermediários - 3º quadrante			Elementos Periféricos - 4º quadrante		
Baixa F e baixa Ordem Média de Evocações F<16,07 e OME<3,08			Baixa F e alta Ordem Média de Evocações F<16,07 e OME>3,08		
Grupo semântico	Freq.	OME	Grupo semântico	Freq.	OME
Esporte/Jogos	15	2,80	Agilidade/Força	16	3,25
Lutas	10	2,60	Esporte em água	08	3,88
Moto/Bicicleta	08	2,88	Tiro ao alvo	04	3,25
			Tênis	03	4,33

Fonte: os autores.

Nessa perspectiva, inicialmente é importante notar a associação das práticas corporais de aventura aos esportes com bola que, com frequência de 32, é um elemento que possivelmente permeava o núcleo central do grupo de estudantes que fizeram parte da pesquisa. No entanto, embora os esportes com bola não sejam classificados como de aventura, não é raro identificá-los em qualquer associação com a Educação Física, pois de acordo com Tubino, Garrido e Tubino (2007), durante muito tempo a Educação Física foi associada a corrente esportiva, mais especificamente a intitulada “Esportes Tradicionais” que fazem referência à modalidades já consolidadas, como o futebol, handebol, basquetebol e voleibol que, no Brasil, caracterizam os esportes mais praticados na cultura da Educação Física escolar (TRIANI; FREITAS; NOVIKOFF, 2016), embora existam esforços de professores inovadores para mudança (SILVA; BRACHT, 2012), além de documento nacional (BRASIL, 2017).

A Corrida também é outro possível elemento na representação social sobre as práticas corporais de aventura. Embora corridas como a de orientação estejam classificadas como de aventura, a corrida que emerge como grupo semântico faz referência ao atletismo que, de acordo com Tubino, Garrido e Tubino (2007), está no âmago dos Esportes Tradicionais.

As Lutas, embora esteja presente no quadrante dos elementos intermediários com 10 de frequência, trata-se de uma representação social, considerando que Tubino, Garrido e Tubino (2007) classifica essa manifestação como Esportes das Artes Marciais. Nessa mesma perspectiva, são presentes Tiro ao Alvo e Tênis, ainda que sejam associadas as práticas corporais de aventura, são classificados como esporte militar e tradicional, respectivamente (TUBINO; GARRIDO; TUBINO, 2007).

Os grupos semânticos “Sentimento”, “Saltos Radicais”, “Escalada” e “Exploração” estão também no âmago no núcleo central. No entanto, esses grupos, embora estejam no universo consensual, correspondem ao reificado, uma vez que sentimento, saltos radicais, a escalada e a atividade de exploração estão associados as práticas corporais de aventura.

Nessa perspectiva, os sentimentos são características fundamentais do universo das práticas corporais de aventura. De acordo com Le Breton (2006) a imersão nos esportes de risco se dá pela relação de emoção sentida nas práticas corporais de aventura. Além disso, Costa, Marinho e Passos (2007) acrescentam que a presença do risco insere o praticante no universo fictício. Dessa maneira, para Pereira, Armbrust e Ricardo (2008) vivenciar os sentimentos por meio da prática esportiva é mergulhar na “Era do Acaso”, que significa conviver com a imprevisibilidade e a possibilidade de sucesso.

Saltos Radicais podem ser entendidos como “manobras” que também caracterizam os grupos “Skate/pranchas” e “Moto/Bicicleta” emergentes nos quadrantes intermediários. Na perspectiva de Pereira, Armbrust e Ricardo (2008), o termo “Esportes Radicais de Aventura”, é empregado às modalidades que fazem referência àquelas em que se aplica a manobra como gesto técnico complexo. De acordo com os autores, esses movimentos constituem o principal momento em que a mídia busca captar, no que tange aos esportes midiáticos, além de servirem para caracterizar a pontuação em competições esportivas. De acordo com Marchi (2017), as práticas corporais foram alcançando a mídia na medida em que as manobras foram aparecendo.

Escalada, Montanhismo e Alpinismo são práticas consideradas análogas. Trata-se de uma prática recente, pois passou pelo processo de esportivização a menos de 40 anos. Do ponto de vista do esporte, pode ser classificada segundo três categorias (PEREIRA, 2013): gelo, rocha e ambientes construídos (*indoor*). A primeira trata-se das mais altas, acima de

três mil metros; a segunda faz referência àquelas praticadas em ambientes menores, a qual possui quatro categorias, *boulder*, escalada livre, livre esportiva e *big wall*; e a terceira, devido ao controle do ambiente, o objetivo é a complexidade do movimento.

A Exploração também se apresentou como grupo semântico que compôs o núcleo central das representações sociais sobre as práticas corporais de aventura. Em termos gerais, a exploração corresponde à atividade de apreciação da natureza, fato que está presente na definição de práticas corporais de aventura, considerado como aqueles praticados em ambientes formais e não formais, vivenciados em interação com a natureza, a partir de sensações e emoções como efeito da incerteza e ao risco calculado (COSTA; MARINHO; PASSOS, 2007). Porém, uma das palavras mais comuns nesse grupo semântico foi “trilha”, que faz referência a denominação atribuída à prática na natureza sem competição, sendo apenas contemplativa. De acordo com Bernardes (2013), essa é intitulada com Trekking, a qual se manifesta de três maneiras, sendo o “trekking de regularidade” que se refere à caminhada esportiva, o “trekking de velocidade” ou “speed trekking” que faz referência à competição individual ou em equipes de um ponto a outro em menor intervalo de tempo, e o “trekking” propriamente dito é o exercício de contemplação à natureza sem fins esportivos.

A dimensão conceitual é uma discussão possível, considerando a associação do grupo semântico “esporte/jogos” as práticas corporais de aventura, emergente no quadrante intermediário. Essa possibilidade se dá pelo fato de que não é raro encontrar discussões se uma prática é jogo, esporte ou atividade (PEREIRA; ARMBRUST; RICARDO, 2008). Essa discussão está presente mesmo em âmbito científico, pois para Tubino, Garrido e Tubino (2007), as manifestações são consideradas esporte, podendo ser educacional, de lazer ou de rendimento, para Marinho (2013), as práticas são entendidas como atividades de aventura e, para Pereira (2013), essas ações na escola podem ser entendidas como jogos. Embora a questão do conceito seja controversa, o documento mais atual no que tange à Educação Física na escola, faz referência a essas manifestações entendendo-as como “práticas corporais de aventura” (BRASIL, 2017).

Dentre as associações presentes nos quadrantes, dois elementos correspondem ao universo reificado das práticas corporais de aventura. O primeiro, “agilidade/força”, com 16 de frequência, faz referência à componentes da aptidão física, indispensáveis nas práticas corporais de aventura (PEREIRA, 2013). Já o segundo, “esporte em água” com frequência de 8, traz a característica “meio”, presente nas práticas corporais de aventura, que se refere ao ambiente em que ocorrem, tendo como exemplo o mergulho e a canoagem (PEREIRA; ARMBRUST; RICARDO, 2008). É importante ressaltar que ambas as associações são indícios de possíveis representações sociais que estão presente no sistema periférico, sendo assim, de acordo com Abric (2000), uma intervenção pode contribuir para torná-las central, ou, caso isso não seja feito, esses elementos podem deixar de existir. Portanto, empoderado desse conhecimento que a intervenção pedagógica foi proposta.

Outro aspecto importante de se destacar nas representações sociais expressas por esse grupo de alunos é a característica de combinação entre o conhecimento consensual e o reificado, como apontam Magalhães Júnior e Tomanik (2012), quando evidenciam que as representações podem ser um crossing over entre ambos os conhecimentos.

- Os impactos da experiência pedagógica com as práticas corporais de aventura sobre as representações sociais

Com o objetivo de identificar os impactos das aulas de Educação Física sobre as representações sociais das práticas corporais de aventura, o teste de associação livre de palavras foi aplicado ao término das 11 aulas. Dessa maneira, após a intervenção pedagógica, registrou-se 468 palavras. O acondicionamento semântico das palavras gerou 12 grupos, obtendo frequência média de 36⁹ e a média da OME de 3,02¹⁰, como apresentado no Quadro 3.

Mediante a análise, os grupos “Montanhismo” e “Sentimentos”, localizados no primeiro quadrante do Quadro 3, correspondem a alguns indícios que possivelmente compõem o núcleo central das representações sociais do grupo após o processo de intervenção pedagógica.

⁹ A soma de todos os valores de frequência, dividido pelo número de grupos, é igual a frequência média (F).

¹⁰ A soma de todos os valores de Ordem Média, dividido pelo número de grupos, é igual a média da OME.

Quadro 3 - Elementos das representações sociais referentes as práticas corporais de aventura após a intervenção

Elementos Centrais - 1º quadrante			Elementos Intermediários - 2º quadrante		
Alta f e baixa Ordem Média de Evocações F>36 e OME<3,02			Alta F e alta Ordem Média de Evocações F>36 e OME>3,02		
Grupo semântico	Freq.	OME	Grupo semântico	Freq.	OME
Montanhismo	54	3,01	Práticas Terrestres	38	3,57
Sentimentos	37	2,78			
Elementos Intermediários - 3º quadrante			Elementos Periféricos - 4º quadrante		
Baixa F e baixa Ordem Média de Evocações F<36 e OME<3,02			Baixa F e alta Ordem Média de Evocações F<36 e OME>3,02		
Grupo semântico	Freq.	OME	Grupo semântico	Freq.	OME
Práticas Aquáticas	17	2,94	Práticas de Exploração	14	3,57
Práticas nas Alturas	11	2,72	Esportes Tradicionais	9	3,44
Práticas Urbanas	27	2,77	Corridas	8	3,12
Conceitos	5	2,4			
Sujeitos	3	2,66			
Animais	2	3,5			

Fonte: os autores.

De acordo com Abric (2000), os elementos mais importantes das representações sociais são aqueles presentes no núcleo central, pois são mais resistentes à mudança, contrários aos demais elementos (denominados periféricos) que, segundo o autor, não possuem importância significativa, por serem mais suscetíveis às mudanças e apresentarem variações entre os integrantes do grupo. Dessa maneira, observando o primeiro quadrante dos Quadros 1 e 2, há de se perceber uma alteração significativa, pois o segundo, que representa o núcleo central após a intervenção consta somente elementos presentes no universo reificado, evidenciando, inicialmente, que aquilo que não correspondia as práticas corporais de aventura já não são mais presentes no núcleo central do grupo.

Segundo Magalhães Júnior e Tomanik (2012), para ser considerada uma mesma representação social, o núcleo deve apresentar alta similaridade, situação essa não encontrada nos resultados apresentados nos quadrantes 1 dos Quadros 1 e 2, assim, podemos entender que a intervenção pedagógica proporcionou a reformulação das RS que o grupo apresentava antes das aulas.

Camargo *et al.* (2013) estudaram o efeito do contexto interacional sobre a construção das representações sociais sobre um determinado objeto representacional. Na ocasião, os pesquisadores identificaram representações sociais do corpo de um determinado grupo, em seguida, apresentaram alguns vídeos e fizeram algumas exposições conceituais sobre corpo, saúde e beleza. Após a intervenção, perceberam que houve alteração nas representações sociais do grupo em relação ao corpo. Nessa mesma perspectiva, porém, após um período de 11 encontros, no estudo em tela, também foi possível identificar que a intervenção pedagógica contribuiu na transformação das representações sociais sobre as práticas corporais de aventura.

Dentre os resultados encontrados após a intervenção, nota-se o montanhismo como um dos conteúdos mais expressivos na transformação das representações sociais. Embora a escalada já estivesse presente no núcleo central antes da intervenção, sua consolidação como prática corporal de aventura tinha frequência e ordem média de evocação bem menor do que após a intervenção. Essa diferença pode sinalizar que a cristalização de representações sociais mais próximas ao universo reificado pode ser conquistada tematizando os objetos representacionais nas aulas, a fim de que possam ser modificados (JODELET, 2001).

Tahara e Darido (2016) assinalam que o conteúdo o ensino das práticas corporais de aventura na escola deve se estabelecer por meio das dimensões conceitual, procedimental e atitudinal do conteúdo. Sendo assim, além de proporcionar aos estudantes vivência nas práticas corporais de aventura capacita-os para discuti-los de forma crítica e reflexiva. Nesse contexto, ao identificar que as associações mais expressivas as práticas corporais de aventura foram montanhismo e sentimentos, há de se perceber esses elementos como indícios de que a dimensões conceitual conteúdo foi atingida, pois são associações intimamente relacionadas as práticas corporais de aventura.

No que se refere a dimensão atitudinal do conteúdo, bem cristalizada pela presença do elemento sentimentos, Tahara e Darido (2016) afirmam que as práticas corporais de aventura pela presença do risco controlado, promovem experiências que conduzem à aprendizagens significativas e possibilitam que os alunos, por seu próprio aprendizado, sejam mais seguro no processo de tomada de decisão e mais motivado em participar das aulas. Além disso, podem favorecer a autoconfiança, superação de limites, companheirismo e maior sensibilidade às questões ambientais. Tendo em vista a

possibilidade de um trabalho de conscientização ambiental, tendo como via as práticas corporais de aventura na escola, o ponto de partida desse longo processo se dará pela reestruturação do binômio homem-natureza. Para essa reestruturação, a reflexão sobre as necessidades humanas e seus valores socialmente construídos tem se revelado o principal caminho para a formação de uma conscientização ambiental.

É importante pontuar que os esportes tradicionais, presentes no núcleo central antes da intervenção, emergem no Quadro 2 como elementos periféricos. Nesse sentido, de acordo com Abric (2000), os elementos constituintes do sistema periférico são mais suscetíveis a mudanças e/ou de desaparecerem. Portanto, destaca-se a intervenção pedagógica tendo como tematização as práticas corporais de aventura como indispensável para proporcionar transformações nas representações sociais que são construídas entre os grupos sociais.

Cabe assinalar que, segundo Triani, Freitas e Novikoff (2016) e Triani, Magalhães Júnior e Novikoff (2017), as representações sociais que se têm sobre determinado objeto representacional vão nortear os comportamentos sociais no e sobre ele. Dessa forma, representações sociais que associam as práticas corporais de aventura à elementos como “perigo” e “arriscado” mais afastam as pessoas dessas práticas do que aproximam. Sendo assim, se o objetivo do ensino na escola é promover uma adesão futura na vida dos alunos (TAHARA; DARIDO, 2016), é justificável utilizar-se das representações sociais como ferramenta pedagógica para promoção de intervenções educacionais

Considerações finais

Diante das interpretações dos resultados alcançados nesta investigação e considerando as suas limitações metodológicas, procurou-se analisar o impacto do ensino das práticas corporais de aventura nas aulas de Educação Física na transformação das representações sociais que alunos do 4º ano do ensino fundamental de um colégio particular de Duque de Caxias/RJ compartilham sobre essa corrente esportiva. Entre os impactos encontrados por meio das intervenções pedagógicas tematizando as práticas corporais de aventura, observou-se indícios de alterações na estrutura das representações sociais.

A sequência didática sobre as práticas corporais de aventura como possibilidade pedagógica para as aulas de Educação Física foi capaz de promover algumas alterações sobre as representações sociais que os estudantes compartilhavam sobre essa unidade temática, desvelando alguns indícios de um núcleo central das representações sociais coerente com as associações presentes no universo reificado.

Sobretudo, o trato das práticas corporais de aventura na escola, ao longo da Educação Básica abre caminho para uma infinidade de aspectos relacionados à sua prática que podem possibilitar aos estudantes a aventura, a promoção da saúde, o (re)encontro com os diferentes espaços naturais, a conscientização ambiental, as inúmeras possibilidades de lazer, o mercantilismo e muitos outros.

Ressalta-se a necessidade de continuidade de estudos dessa natureza, envolvendo outros aspectos ligados às intervenções pedagógicas e seus impactos nas vivências das práticas corporais de aventura no decurso das aulas de Educação Física na educação básica. Por fim, ao considerar as especificidades e possibilidades das práticas corporais de aventura como conteúdo presente nas aulas de Educação Física na escola, sugere-se a realização de estudos que busquem propostas metodológicas para o trabalho com as diferentes práticas corporais de aventura nas suas mais diferentes formas de manifestação.

Referencias

ABRIC, J. C. A abordagem estrutural das Representações Sociais. In.: MOREIRA, A. S.; OLIVEIRA, D. C. **Estudos interdisciplinares de Representação Social**. Goiânia: Editora AB, 2000.

BERNARDES, L. A. Enduro à pé: trekking de regularidade. In.: BERNARDES, L. A. **Atividades e esportes de aventura para profissionais de Educação Física**. Phorte: São Paulo, 2013.

BRASIL. Ministério da Educação. **Base Nacional Comum Curricular**. MEC: Brasília, 2017. Disponível em: <<http://basenacionalcomum.mec.gov.br/abase/>>. Acesso em: out. 2022.

CARMO, T. et al. Representações sociais de estudantes do ensino médio sobre problemas ambientais. **Revista Brasileira de Estudos Pedagógicos**, v.99, n.252, p.313-330, 2018.

COSTA, V. L.; MARINHO, A.; PASSOS, K. Esportes de aventura e esportes radicais: propondo conceitos. **Motriz**, v.13, n.2, p.189, 2007.

GASPI, S.; DUARTE, R. M.; MAGALHÃES JÚNIOR, C. A. O. O olhar docente acerca das metodologias ativas de aprendizagem: uma análise a partir da teoria das representações sociais. **Vitruvian Cogitationes**, v.1, n.1, p.135-14, 2020.

GALVÃO, C. B.; MAGALHÃES JÚNIOR, C. A. O. A relação entre as Representações Sociais de professores sobre Educação Ambiental e os projetos relacionados à Conferência Nacional Infantojuvenil pelo Meio Ambiente. **Revista Eletrônica do Mestrado em Educação Ambiental**, v.33, n.2, p.124-141, 2016.

GUERRA, S. Desenvolvimento Sustentável nas Três Grandes Conferências Internacionais de Ambiente da ONU: o Grande Desafio no Plano Internacional. In.: GOMES, E. B.; BULZICO, B. (orgs). **Sustentabilidade, desenvolvimento e democracia**. Ijuí: Unijuí, 2010.

JODELET, D. **As representações sociais**. EdUERJ: Rio de Janeiro; 2001.

LE BRETON, D. **A sociologia do corpo**. Vozes: Petrópolis, 2006.

MAGALHÃES JÚNIOR, C. A. O.; TOMANIK, E. A. Representações sociais e direcionamento para a educação ambiental na Reserva Biológica das Perobas, Paraná. **Investigações em Ensino de Ciências**, v.17, n.1, p.227-248, 2012.

MARINHO, A. Introdução aos estudos das atividades de aventura: características, concepções e conceitos. In.: BERNARDES, L. **Atividades e esportes de aventura para profissionais de Educação Física**. Phorte: São Paulo, 2013.

MARCHI, K. B. et al. Do surf ao tow-in: por uma análise da emergência do campo dos “esportes de prancha”. **Journal of Physical Education**, v.28, n.1, p.1-11, 2017.

MOSCOVICI, S. **A Psicanálise, sua imagem e seu público**. Vozes: Petrópolis, 2012.

PAIXÃO, J. A. Esporte de aventura como conteúdo possível nas aulas de educação física escolar. **Motrivivência**, v.29, n.50, p.170-182, 2017.

PAIXÃO, J. A.; COSTA, V. L. M.; GABRIEL, R.E. C. D. Esporte de aventura e ambiente natural: dimensão preservacional na sociedade de consumo. **Motriz**, v.15 n.2 p.367-373, 2009.

PEREIRA, D. W. Montanhismo e escalada. In.: BERNARDES, L. A. **Atividades e esportes de aventura para profissionais de Educação Física**. Phorte: São Paulo, 2013.

PEREIRA, D. W.; ARMBRUST, I.; RICARDO, D. Esportes radicais, de aventura e ação: conceitos, classificações e características. **Revista Corpoconsciência**, v.12, n.1, p.18-34, 2008.

PINTO, J. Ambientalismo e ecologismo: dois modelos de RBI verde. **Revista Portuguesa de Filosofia**, v.74, 2018.

SÁ, C. P. **Núcleo das representações sociais**. Vozes: Petrópolis, 1996.

SÁ, M A; OLIVEIRA, M. A; NOVAES, A. S. R. Educação Ambiental nas Escolas estaduais de Floresta (PE). **Revbea**, v.10, n.1, p.118-126, 2015.

SILVA, M. S.; BRACHT, V. Na pista de práticas e professores inovadores na educação física escolar. **Kinesis**, v.30, n.1, p.80-94, 2012.

TAHARA, A. K.; DARIDO, S. C. Práticas corporais de aventura em aulas de educação física na escola. **Conexões**, v.14, n.2, p.113-136, 2016.

THOMAS, J. R.; NELSON, J.K.; SILVERMAN, S.J. **Research methods in physical activity**. 7 ed. Champaign: Human Kinetics, 2015.

TRIANI, F. S.; FREITAS, W. C.; NOVIKOFF, C. Educação física escolar: as representações sociais. **Conexões**, v. 14, n.1, p. 130-137, 2016. Disponível em: <<https://periodicos.sbu.unicamp.br/ojs/index.php/conexoes/article/view/8644770>>. Acesso em: out. 2022.

TRIANI, F. S.; MAGALHÃES JÚNIOR, C. A. O.; NOVIKOFF, C. As representações sociais de estudantes de educação física sobre a formação de professores. **Movimento**, v.23, n.2, p.575-586, 2017.

TRIANI, F. S.; MARTINS, C.; ALVES, M. P. Escalada indoor como possibilidade pedagógica para a educação física. In: Congresso Brasileiro de Atividade de Aventura/ Congresso Internacional de Atividade de Aventura, 9/3, Lavras. **Anais...** Lavras: UFLA, 2016, p. 58.

TRIANI, F. S.; TELLES, S. C. C. Representações sociais sobre os esportes de aventura na educação física. **Interfaces da Educação**, v.10, n.30, p.246-267, 2019.

TUBINO, M. J. G.; GARRIDO, F.; TUBINO, F. **Dicionário Enciclopédico Tubino do Esporte**. SENAC: São Paulo, 2007.